LIBRARY OF PRINCETON
MA
THEOLOGICAL SEMINARY

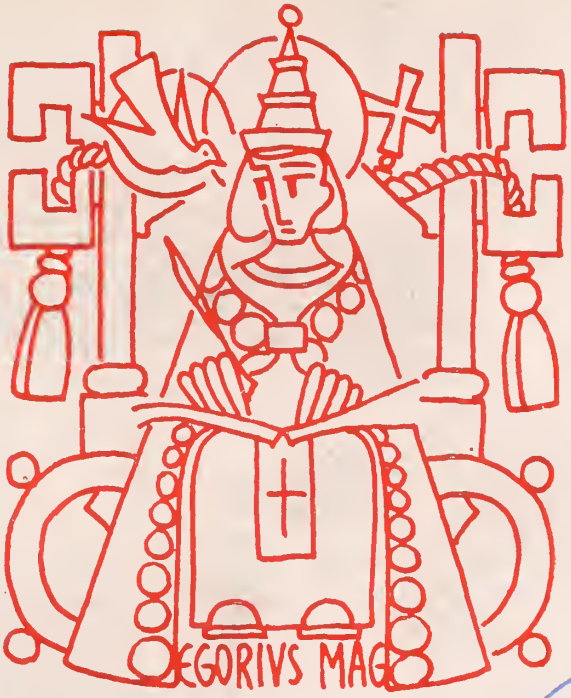
PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian5301inst

LAP



LIBRARY OF PRINCETON
JAN 29 1988
THEOLOGICAL SEMINARY

Revista GREGORIANA

NOVEMBRO 30 DEZEMBRO
1958 ANO V

INSTITUTO PIO X
DO RIO DE JANEIRO

INFORMAÇÕES
sôbre a
REVISTA GREGORIANA do INSTITUTO PIO X do RIO DE JANEIRO

(Reg. n.º 864)
(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes
Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant)

DIREÇÃO:
IRMÃS DOMINICANAS

COLABORADORES:

Os Monges de Solesmes — França.
Os Monges do Mosteiro S. Bento do R. de Janeiro.
Os Padres Dominicanos.
Auguste Le Guennant — Diretor do Instituto Gregoriano de Paris.
Revmo. Pe. Jean Bihan — Vice-Diretor do Instituto Gregoriano de Paris.
Henri Potiron — Professor do Instituto Gregoriano de Paris.
Dr. Andrade Muricy — da Academia Brasileira de Música.
Dr. Amoroso Lima — da Academia Brasileira de Letras.
Revmo. Irmão Ático Rubini — Marista.
Irmãs Dominicanas

★ — Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc....) deve ser endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO. Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, RIO DE JANEIRO.

★ — ASSINATURA ANUAL (Janeiro a Janeiro). — Por enquanto, tiragem bimestral. — Para o Brasil: Cr$ 100,00. — Para o Estrangeiro: Cr$ 120,00. — Número avulso: Cr$ 15,00. — Número atrazado: Cr$ 20,00. — Mudança de endereço: Cr$ 2,00.

★ — A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.

★ — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (E' grande favor endereçar para a AGÊNCIA do CORREIO de BOTAFOGO).

★ — Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio Titular	— CR$	120,00 por ano;
Sócio Protetor	— CR$	200,00 por ano;
Sócio Fundador	— CR$	500,00 por ano;
Sócio Benfeitor	— CR$	1.000,00 por ano... ou mais.

★ — Assim também a Revista "PERGUNTE e RESPONDEREMOS". Assinatura: Cr$ 70,00 — Para o Estrangeiro: Cr$ 100,00 — Número avulso: Cr$ 10,00 — Mesmo endereço acima.

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO.

IGREJA ROMANA

TEMA do próximo número: *MODALIDADE GREGORIANA*

SUMÁRIO

Creio na Igreja... Romana — por D. Cirilo Gomes, O.S.B. 1

A Instrução sôbre a "Música Sacra" 12

Os três Adventos — por Thomas Merton 16

"Misericórdias Domini" — por D. João Evangelista Enout, O.S.B. 24

Livros em Revista — por D. João Ev. Enout, O.S.B. 33

Direitos de propriedade reservados para todos os desenhos.

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

NATAL - 1958

COM o presente número, último do ano de 1958, a **Revista Gregoriana** apresenta a seus leitores as congratulações por mais um ano vivido na Graça que veio trazer à terra o Filho de Deus feito Homem, em seu Natal, cuja próxima comemoração dá ensejo a uma grande alegria entre os cristãos. Os anjos cantam em Natal porque o céu ganha terreno com a descida do Filho de Deus sôbre a terra. Os cristãos cantam e adoram êste mistério da Benignidade e da Misericórdia divina que abre para a terra as portas do céu, que eleva o nosso mundo a fazer parte do céu. E' a vinda do Senhor. Uma das vindas do Senhor. O Natal de Cristo no tempo é vivido pela celebração litúrgica, com a fôrça de renovação de um novo Natal. E' o mesmo Natal que revive em nosso tempo, em nossas almas, em nosso mundo de hoje. O Senhor vem para nós, o Senhor nasce para nós na realidade dêsses mistérios do Cristo, enquanto sua última vinda, seu Natal definitivo não selar para a eternidade a realidade plena de nossa condição de Filhos de Deus. O Natal então será nosso. O Natal do Céu será dos inumeráveis filhos de Deus que o Primogênito, com sua vinda ao mundo, conquistou para o Pai.

* * *

O Natal de 1958 tem uma especial significação, o regozijo de nos encontrarmos em nossa Igreja sob o govêrno do novo Pastor, escolhido por Deus para representar Cristo na terra. Apresenta-se diante de uma cristandade orfã e triste com a ternura do coração fraterno de José diante dos irmãos aflitos e angustiados, confortando-os: "Eu sou José, vosso irmão". Com a simplicidade do coração fraterno, êle é Pai e é Pastor.

O antigo Núncio Apostólico em Paris durante uma época particularmente difícil, o amigo e freqüentador de Solesmes, o Patriarca de Veneza, como outorra o nosso Santo Pio X, é agora o Pastor, fazendo para si as palavras do Senhor: "Eu sou a porta do redil": "Ego sum ostium ovium".

ANTES de ser um Papa dotado de magníficos dotes de diplomata, ornado de qualidades humanas, cultura, ciência, capacidade organizadora, quer ser o Pastor, o Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas, que sai à procura das ovelhas mais distantes para uní-las tôdas num só rebanho. Como representante de Cristo na terra, o novo Pastor quer refletir diante do mundo a grande lição de Jesus: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração".

DIRIGINDO-SE aos fiéis de todo o mundo no dia de sua coroação, a 4 de novembro p.p o novo Soberano Pontífice, João XXIII, pede às almas piedosas: "Nós vos pedimos que oreis a Nosso Senhor pelo Papa, para que obtenha o exercício da perfeição na mansidão e na humildade". Jesus manso e humilde de coração nascerá especialmente para nós, neste Natal, festa da alegria na mansidão e na humildade; primeiro Natal de um Papa que, coroado, se colocou sob o signo dessas virtudes que por mais humanas que sejam, são as mais desconhecidas entre os homens.

CREIO NA IGREJA... ROMANA!

A recente eleição do Papa convida-nos a repensar um pouco no que signifique para nossa fé cristã sua "romanidade". Católicos, ouvimos freqüentemente da bôca dos dissidentes a palavra "Igreja de Cristo". Que sentido tem, porém, para nós, uma Igreja de Cristo fora da comunhão com a Sé de Roma?

Nós sabemos que muitos dentre os dissidentes são almas de bôa vontade e seguramente cheias da graça de Cristo. Dizemos então que estão ligados invisìvelmente ao rebanho de Pedro e em comunhão com Roma sem o saberem. Nem por isto, porém, afirmamos que igualmente suas confissões pertençam à Igreja de Cristo... já que se condicionam precisamente a uma separação do Templo edificado sôbre a rocha de Pedro, ao qual, sòmente, Cristo chamou "a minha Igreja" (1).

Por outras palavras, "com a Igreja de Roma é preciso que concordem tôdas as outras Igrejas", como já no século II, afirmava Sto. Irineu (2). Ela é a *senha* do cristianismo objetivamente verdadeiro ro e "quem comer o Cordeiro fora dessa Casa é profano", repitâmo-lo com S. Jerônimo (3). A razão é que a Sé de Roma é a de Pedro, a

---

(1) Mt 16,18.

(2) "Ad hanc enim ecclesiam... necesse est omnem convenire ecclesiam", Adv. Haer. III, 3,2 (M.G 7,848).

(3) "Quicunque extra hanc domum Agnum comederit, profanus est", Ep. ad Damasum, 2 (ML 22,355; Rouet de Journel, 1346).

quem Cristo entregou a missão de fundamento de Seu Templo, de chaveiro de Seu Reino, de pastor de Suas ovelhas.

Na verdade, o próprio Cristo é quem é, num sentido mais profundo, a "Pedra angular" (4), e também aquele "que abre e ninguém fecha, que fecha e ninguém abre" (5) e o verdadeiro "Bom Pastor, que dá a vida por suas ovelhas" (6). Porém está na linha de sua Encarnação descer cada vez mais aos homens, associá-los como amigos à sua missão redentora, para dar-lhes a honra de serem, à semelhança dÊle mesmo, canais da graça: "Como o Pai me enviou, Eu vos envio". (7).

Eis porque S. Paulo, que diz na epístola aos Corintios: "ninguém pode pôr *outro fundamento* senão o que foi pôsto, que é Jesus Cristo" (8), afirma, na epístola aos Efésios, que nós, cristãos, somos "edificados *sôbre* o *fundamento* dos Apóstolos e Profetas" (9).

Uma coisa é ser fundamento imparticipado e invisível (Cristo) e outra, participado e visível (os Apóstolos e em particular Pedro: cf. Mat 16, 17: "sôbre *esta* pedra"). S. Leão Magno resume-o admiràvelmente, colocando na bôca de Cristo as seguintes palavras dirigidas a Pedro:

"apesar de ser Eu a rocha inviolável, a pedra angular, o fundamento além do qual ninguém pode pôr outro, também tu és pedra, pois em minha fôrça estás firmado, a fim de que aquilo que a mim pertence por poder, seja comum a ti por participação" (1).

Que a S. Pedro Jesus tenha de fato entregue a missão de um poder supremo, maior do que o dos outros Apóstolos, uma jurisdição sôbre todos êles e, por conseguinte, sôbre tôda a Igreja "apostólica", aparece manifestamente nos Evangelhos, nos três textos clássicos de Mateus 16, 17-19, Lucas 22,31 e João 21,15.

* * *

O texto de Mateus refere a promessa, em Cesaréa de Filipe, do primado nas alegrias da "pedra" e das "chaves":

---

(4) Mt 21,42; Mc 12,10; Lc 20,17; Act 4,11; Ef 2,20; etc.
(5) Apoc 3,7.
(6) Jo 10,11.
(7) Jo 20,21; 17,18.
(8) 1 Cor 3,11.
(9) Ef 2,20.

(1) "Com ego sim inviolabilis petra, ego lapis angularis, ego fundamentum praeter quod nemo potest aliud ponere, tamen tu quoque petra es, quia mea virtude solidaris, ut quae mihi potestate sunt propria sint tibi participatione communia". Sermo 4,2 (ML, 54, 150).

E "eu te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". E eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo o que ligares sôbre a terra, será ligado também nos céus; e tudo o que desligares sôbre a terra será também desligado nos céus".

O texto de Lucas mostra que à missão de Pedro não faltará a assistência divina:

"Eu roguei por ti, para que a tua fé não falte; e tu, uma vez confirmado, confirma os teus irmãos".

Jesus orou especialmente por Pedro! Eis porque sôbre seus ombros tão débeis, tão vacilantes, poderá sustentar a Igreja.

No último capítulo, enfim, do misterioso Evangelho de São João, tão prenhe de simbolismo, Jesus é referido entregando solenemente a Pedro, como num último testamento, a chefia das ovelhas de Sua grei:

"Simão, filho de Jonas, tu me amas mais do que êstes?... Apascenta os meus cordeiros... apascenta os meus cordeiros... apascenta as minhas ovelhas".

* * *

E São Pedro entendeu perfeitamente o alcance dessa escôlha. Os documentos do Novo Testamento nos mostram com a maior evidência como êle exerceu, de fato, o seu primado, no seio da primeira Comunidade cristã. As três passagens supra-citadas encontram no contexto geral dos Evangelhos a confirmação do reconhecimento da posição de Pedro. E' sempre nomeado em primeiro lugar, entre os Apóstolos (1), é quem fala em nome dos demais (2), foi de sua barca e de sua casa que o Senhor ensinou (3), pagou com Êle um único e mesmo tributo (4)! E nos "Atos dos Apóstolos", que descrevem "ex professo" a vida da Igreja nascente, mais explìcitamente ainda, aparece o primado. E' Pedro quem fala à multidão no dia de Pentecostes, depois que esta perguntara "a Pedro e aos outros Apóstolos" (5) o que devia fazer para corresponder ao apêlo tangível do sobrenatural. E' Pedro quem administra os bens da Comunidade apos-

---

(1) Mc 3, 16; Mt 10, 2; Lc 6, 14; Act 1,13.
(2) Mc 8, 29 e lugares paralelos; Mc 9,5 e lug. paral.; Mt 18,21; Mc 10, 28; Lc 12, 41; Mc 1, 36; Lc 9,32; 5, 8s. Depois da Ressurreição de Cristo, o Anjo diz: "Ide, **dizei a seus discípulos e a Pedro**" (Mc 16,7); etc.
(3) Lc 5,3; Mt 8, 14-26.
(4) Mt 17,24.
(5) Act 2,37-41.

tólica (6), quem recebe na Igreja os primeiros gentios incircuncidados (7), quem preside o Concílio de Jerusalém (8), etc. Numa expressão sintética, os Doze são "Pedro e os Onze" (9).

Ora, o privilégio de Pedro de sustentar a Igreja contra os assaltos das "portas do inferno" deveria subsistir enquanto subsistisse a própria Igreja. Pertencia mais à Igreja do que à pessoa do Apóstolo. Êste sòmente a representara, diz Sto. Agostinho (1), no dia em que recebeu de Cristo a promessa da infalibilidade. Como no Antigo Testamento, Moisés, a quem a Escritura chamou Pastor de Israel (2), foi sucedido em sua missão por Josué e depois pelos Juízes (3), também Pedro haveria de entregar a uma cadeia de sucessores o seu báculo e suas chaves.

Nada há, nos textos que referem a outorgação do primado (3), que possa insinuar sua limitação à pessoa física de Pedro. Ao contrário, todo o sentido óbvio das palavras de Jesus importa uma continuação, até a consumação dos séculos, de uma função que, por sua vontade, pertence à estrutura mesma da Igreja. E' para sempre que o Senhor a quer qual Casa edificada sôbre "rocha", pois sempre terá de enfrentar os embates dos ventos infernais que não prevalecerão contra ela, sempre terá que ligar ou desligar sôbre a terra, na certeza de se saber ecoada nos céus.

Não é, pois, só genèticamente, em seu enraizamento no passado, que o privilégio de Pedro há de "fundar" a Igreja (4), mas quanto a seu presente, quanto à sua permanência contínua, "como uma rocha que se desloca com ela" (5). Para quem concebe a Igreja como um organismo que prolonga através da História *a presença* de Cristo, de um modo atual, vivo, ontológico, essa perpetuidade da estrutura inicial assume o caráter de uma evidente necessidade. Para quem a concebe, porém, à maneira protestante, como a sociedade que prolonga na História apenas *a memória* de Cristo, o privilégio de Pedro

---

(6) Act 5,11.
(7) Act 9,31.
(8) Act 15,7.
(9) Act 2,14.

(1) "...cui (Petro) totius ecclesiae figuram gerenti Dominus ait: Super hanc petram etc.", Epístola 53, ML 33, 196.
(2) Cf. Is 63, 11; Ps 76, 21; 77, 52.
(3) Cf. Dt 1, 38; Jos 11-5; 1 Par 17, 6. Daví continúa também a função de pastor de Israel: cf. 2 Sam 5, 2; 7, 7: Ps 77, 70-72.
(4) Textos citados acima: Mt 16, 17-19; Lc 22, 31; Jo 21, 15.
(5) Veja-se Journet, Charles, "Primauté de Pierre", Paris 1953, p. 78 e os capítulos III e IV, onde desenvolve com grande clareza a diferença entre "la conception ontologique" e "la conception mnémique" do Cristianismo.

aparecerá então sòmente como um fato do passado, estritamente único e irrepetível, que está na "fundação" da Igreja à semelhança do operário que deita os fundamentos de um edifício e se vai, pode morrer, sem que o prédio deixe de subsistir. Na concepção católica, ao contrário, o privilégio do primado é algo que sustenta a Igreja à maneira do alicerce, que aguenta sempre o pêso da construção (1).

Aliás, mesmo na absurda hipótese de que o princípio da sucessão não estivesse claramente contido nas palavras de Jesus, acima citadas, poderia ser como que deduzido a partir das noções de infalibilidade e unidade visível prometidas por Jesus à Sua Igreja apostólica. Se a Igreja, por meio dos Apóstolos e de seus sucessores, os Bispos, deverá ensinar infalìvelmente aos homens a verdade revelada (2), deverá ter perpètuamente um árbitro supremo, credenciado por Cristo, como S. Pedro, para "confirmar os irmãos", isto é, decidir contra as heresias, pois estas crescerão muitas vêzes no seio da própria hierarquia episcopal, como a História o demonstra (3). Também se a Igreja é essencialmente una e essencialmente visível — um "*Corpo de Cristo*" (4) — deverá ter um sinal visível dessa unidade pela qual Cristo orou, contemplando precisamente os tempos post-apostólicos: "E eu não rogo sòmente por êstes, mas por aqueles que por sua palavra crerão em mim, a fim de que todos sejam um...". (5).

---

(1) Estas duas comparações são de Journet, op. cit., p. 79.

(2) Mt 28, 18ss; Jo 17, 20ss; etc.

(3) O argumento parte do princípio de que Cristo prometeu aos Apóstolos e depois a seus sucessores, os Bispos, o dom do magistério infalível. Que não o prometeu, porém, a um por um dos Bispos, individualmente, é manifesto. Logo, prometeu-o ao Colégio dos Bispos. Como, porém, se decidirá da verdade ou heresia de uma doutrina, quando a seu respeito houver divergências nesse mesmo Colégio dos Bispos? Se os julgamos todos, por direito divino, **iguais**, não encontraremos solução, pois, seja num Concílio ecumênico, seja fora dele, o critério da "maioria numérica" não pode prevalecer, como o mostra a História (porque não prevaleceram, sob o imperador Constâncio, os Bispos arianos? porque os concílios arianos não são ecumênicos? igualmente o "latrocínio efesino", etc.?). E' preciso que se admita no Colégio episcopal **não serem todos iguais**, mas um ou alguns terem o dom de decidir infalìvelmente nos casos de divergências. Ora, na História do Cristianismo só o Pontífice Romano foi visado como tendo êsse dom. Desde os primeiros séculos nunca se considerou ecumênico um Concílio (por mais numeroso que fosse) que não contasse com a sua presença ou aprovação. Êle era o árbitro supremo.

(4) Jo 17, 20s.

(5) Potencialmente são dois pontificados, mas em ato, um só: veja-se a explicação em Billot, por exemplo, "De Ecclesia Christi", qu. XIV, corollarium I. Num mesmo sujeito, é impossível distinguirmos duas jurisdições, uma imediata sôbre todo o rebanho de Cristo e outra sôbre uma porção dêsse rebanho.

Eis porque diz o Concílio Vaticano que o primado do Romano Pontífice é o "perene princípio e o fundamento visível" de tôda a unidade da Igreja.

* * *

Mas se perguntamos ainda: — porque é o Bispo *de Roma*, precisamente, e não qualquer outro, o sucessor de S. Pedro na direção da Igreja Universal?

Podemos responder: — S. Pedro, reunindo indissolùvelmente, em sua pessôa as funções de Bispo de Roma (Apóstolo) e 1.º Papa (Príncipe dos Apóstolos) (6), indicava que seus sucessores como Papa seriam seus sucessores no Episcopado. Êle não tinha como que dois pontificados distintos, mas um só: era como um dentre os Apóstolos que era Príncipe dos apóstolos.

Esta resposta baseia-se, é claro, sôbre uma certeza histórica: a de que S. Pedro foi, nos últimos tempos de sua vida, Bispo de Roma. Trata-se de um fato histórico perfeitamente documentado, como o reconhecem inclusive racionalistas como Harnack (1) e protestantes como Lietzmann (2), Cullman (3), etc. E' algo de claro como a luz do dia, para todo estudioso que não queira cegar-se a si próprio, dizia Harnack antes mesmo das recentes excavações feitas no Vaticano. Mas uma demonstração histórica não será nunca a mais perfeita resposta de um teólogo católico para um dado de sua religião, pois nosso último critério de verdade não repousa apenas nos resultados de uma crítica histórica ou filológica, mas na certeza superior dada pelo magistério da própria Igreja a quem Cristo prometeu a infalibilidade... Ora, ela ensina oficialmente que o Pontífice Romano é o sucessor de S. Pedro (4). Seu magistério comunica-nos uma "certeza de fé", mais alta que a mera "certeza histórica", embora com esta não possa jamais entrar em conflito, é evidente, pois a verdade é uma só.

Apraz-nos ver como êsse ensinamento sôbre o Romano Pontífice não foi explicitado sòmente em nossos tempos, mas desde uma tradição que, se quiséssemos acompanhar através dos documentos, encontraríamos em testemunhos apodícticos já no século II (5), e até mesmo antes (em documentos porém menos expressos), na própria geração apostó-

---

(1) "Die Chronologie der altchristlichen Literatur, t. I, Leipzig, 1897.
(2) "Petrus und Pulus in Rom", ed 2, Leipzig-Berlin 1927.
(3) "Saint Pierre, disciple, apôtre, martyr", Neuchatel 1952.
(4) "Se alguém disser que o Pontífice Romano não é o sucessor do Bemaventurado Pedro no primado, seja anátema" (DB 1825).
(5) Veja-se, para só citarmos um exemplo, o texto de Sto. Irineu, transcrito na primeira página dêste artigo.

lica (6). Sempre se creu que o Bispo da cidade consagrada pelo sangue de Pedro, e não outro, recebeu do Apóstolo a sucessão de seu privilégio. Reconhece-o o próprio Sto. Inácio Mártir, Bispo de Antioquia, onde S. Pedro tinha ocupado também a cátedra episcopal, antes de ir para Roma!

* * *

Instando, poder-se-ia ainda perguntar se, na escôlha de Roma para sua sede definitiva, S. Pedro se tivesse conduzido por própria inspiração ou executado uma vontade expressa de Cristo. No 1.º caso, a conexão entre Roma e o Papado seria fruto de uma deliberação meramente humana, seria "de direito humano"; no 2.º, "de direito divino". A maioria de teólogos hoje responde porém que a determinação foi feita por especial inspiração da Providência divina dirigindo a vontade de S. Pedro e encaminhando-o para a capital daquele mundo pagão que aceitaria o Cristo antes do Povo judaico eleito. Sendo assim, o Papa é sempre Bispo *de Roma*, ainda que transfira sua "residência" para outro local (como ao tempo de Avinhão) e ainda que, por hipótese, a Urbe e sua população desapareçam um dia da face da terra: continuaria a ser o sucessor formal dos Bispos de Roma.

* * *

Eis portanto o que significa em nossa religião a sua "romanidade". Não um compromisso com a cultura, a civilização de Roma, sua latinidade, seus tesouros de arte e história. Nem mesmo, necessàriamente, com seus ritos religiosos externos — há tantos outros aprovados a incentivados na Igreja! Mas sim uma comunhão na fé, na caridade, na obediência, com o Bispo que detem a sucessão de S. Pedro. Roma para nós é o Papa. Êle pode ser muito indigno de seu cargo, como a Providência permitiu mais de uma vez na História. E' mesmo bom que o lembremos, nestes tempos de, graças a Deus, santos Pontífices para justamente *avivarmos* nossa fé no Papado, sendo que não é fé na santidade pessoal de quem quer que seja, mas numa missão conferida por Cristo. "E' muito melhor pôr a fé em Deus do que nos homens", diz o Salmista. Crendo no Papa, estamos crendo no poder de Cristo Senhor, capaz de usar de instrumentos humanos e livres para a execução de seu plano grandioso da Igreja. Estimando o Papa, estamos amando "o suave *Cristo* na terra", como Sta. Catarina

(6) Cf. os testemunhos de S. Clemente Romano (cêrca do ano 96) (RJ 6) e de Sto. Inácio (cêrca do ano 107) (RJ 54). O próprio S. Pedro, datando sua 1.ª Epístola, de "Babilônia", indica que é de Roma que escreve.

de Sena. Curvando-nos ante êle, curvemo-nos ante êsse mistério da sabedoria divina que quis, em mais um modo, "encarnar-se" entre nós, adaptar-se às nossas condições de homens no espaço e no tempo, selar com um laço visível a nossa união fraterna no Cristo.

Podemos, além disto, amar a cidade mesma de Roma, consagrada pelo sangue de S. Pedro e onde tudo relembra dias da História da Igreja. Haverá sinal mais concreto da visibilidade de nossa Igreja?

Não será o caso de dizer que Roma deve ocupar, "no amor e no culto dos filhos de Israel?" (1) ("Stantes erant pedes nostri in atriis tuis, Jerusalem!").

Em outro sentido, porém, não, pois se para os judeus Jerusalém era algo de definitivo, para nós Roma não é senão uma barca ainda em caminho da praia. Quando lá ancorar, subsistirão, é verdade, seus doze fundamentos, sua fisionomia própria, mas já não se chamará "Casa de Pedro" e sim, simplesmente, "Casa de Deus". Sem intermediários, sem representantes, sem templos, sem o véo dos sacramentos, sem luz de lâmpada, sem luz de sol, o Senhor Deus mesmo a iluminará (2).

D. Cirilo Folch Gomes O.S.B., na festa da dedicação das Basílicas de S. Pedro e S. Paulo, 1958.

(1) A frase é de D. Beaudcuin, O.S.B., em "Vida litúrgica", ed. brasileira, Rio 1938, p. 46.
(2) Apoc 22,5.

A INSTRUÇÃO SÔBRE A MÚSICA SACRA

A INSTRUÇÃO: "SÔBRE A MÚSICA SACRA"

A última festa de S. Pio X, 3 de outubro de 1958, veio trazer para tôda a Igreja um presente de incomensurável valor. Nesse dia de nosso patrono, o Santo Padre Pio XII aprovava e ordenava que se publicasse a Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos: "Sôbre a Música Sacra e a Liturgia", documento que marca um progresso notável no que diz respeito à participação do povo fiel na oração litúrgica da Igreja e de modo especial na Oração Cantada da Esposa de Cristo.

OS grandes princípios litúrgicos afirmados pelos últimos Papas desde o inesquecível "Motu Proprio" de S. Pio X (1903) são agora concretizados em mais de uma centena de disposições práticas e decisivas quanto à urgência e maneira de pô-las em execução segundo a mente da Sé Apostólica.

O trabalho modesto mas cheio de confiança que vem exercendo entre nós o "Instituto Pio X" — que se inclui entre as organizações expressamente citadas e desejadas pela nova Instrução — está perfeitamente na linha do que aspira e ordena o recente documento, sendo sua principal função preparar técnica e artìsticamente elementos que se possam dedicar com eficiência à preparação do povo ou de grupos especializados, como colégios, para participação na oração cantada, segundo os diversos graus previstos.

NO momento seria impossível comentar e mesmo publicar integralmente a Instrução de 3 de setembro. Queremos saudar entusiàsticamente o seu aparecimento e agradecer de coração êsse testamento espiritual do grande Pai, que tanto pensou e ensinou seus filhos a melhor rezarem e cantarem com nossa Mãe a Igreja. Entregamos a Deus nossa Ação de Graças pelo grande dom que nos deixou Pio XII.

NÃO faltará ocasião para que voltemos em próximos números ao comentário de algum ponto da Instrução que, de resto, deverá orientar e dar novo incremento às atividades do "Instituto Pio X" no seu próximo ano de vida.

SEGUEM-SE algumas disposições da Instrução no que toca ao Canto Gregoriano. São bastante precisas e incisivas. Falam por si mesmas.

b) PARTICIPAÇÃO DOS FIÉIS NAS MISSAS CANTADAS

24 — A forma mais nobre da celebração eucarística encontra-se na "Missa solene", na qual a solenidade conjunta das cerimônias, dos ministros e da Música sacra manifesta a magnificência dos divinos mistérios e leva os assistentes à devota contemplação dos mesmos mistérios. Devem-se, portanto, empregar esforços a fim de que os fiéis acompanhem com o devido aprêço esta forma de celebração, participando convenientemente da mesma, como abaixo se expõe.

25 — Na Missa solene, a participação ativa dos fiéis pode efetuar-se em três graus:

a) Obtém-se o primeiro grau quando todos os fiéis cantam as "respostas litúrgicas:" "Amem"; "Et cum spiritu tuo"; "Gloria tibi, Domine"; "Habemus ad Dominum"; "Dignum ef justum est"; "Sed libera nos a malo"; "Deo gratias". Deve-se aplicar a máxima solicitude a fim de que, todos os fiéis, no mundo inteiro, possam cantar estas respostas litúrgicas.

b) Obtém-se o segundo grau quando todos os fiéis cantam também partes do "Ordinário da Missa". a saber: "Kyrie, eleison"; "Gloria in excelsis Deo"; "Credo"; Sanctus-Benedictus"; "Agnus Dei". Empreguem-se, portanto, esforços a fim de que os fiéis aprendam a cantar estas partes do Ordinário da Missa, especialmente nas melodias gregorianas mais simples. Se entretanto, tôdas as partes não puderem ser cantadas, nada impede que as mais fáceis, como Kyrie eleison"; "Sanctus-Benedictus"; "Agnus Dei", sejam reservadas para o canto de todos os fiéis, e o "Gloria in excelsis Deo" e o "Credo" para a "schola" dos cantores.

De resto, deve-se procurar que sejam aprendidas pelos fiéis, no mundo inteiro, as seguintes medidas gregorianas mais fáceis: "Kyrie eleison"; "Sanctus-Benedictus" e "Agnus Dei" conforme o número XVI do Gradual romano; "Gloria in excelsis Deo" assim como "Ite, missa est" — "Deo gratias", conforme o número XV; "Credo" número I ou III. Por êsse modo, poderá com efeito ser obtido o fim sumamente desejável, a saber, que os fiéis, no mundo inteiro, possam manifestar a Fé comum participando ativamente do santo Sacrifício da Missa, por meio de um canto também comum e agradável (12).

c) Obtém-se finalmente o terceiro grau quando todos os assistentes estão exercitados no canto gregoriano de modo a poderem cantar também

as partes do "Próprio da Missa". Essa participação plena no canto deve ser incentivada principalmente nas comunidades religiosas e nos seminários.

26 — Deve merecer grande aprêço a "Missa cantada" que, embora não tenha ministros sacros e todo o esplendor das cerimônias, é contudo ornada pelo canto e pela beleza da Música sacra.

E' desejável que, nos domingos e dias de festa, a Missa paroquial ou principal seja cantada.

O que foi dito no número acima acêrca da da participação dos fiéis na Missa solene, vigora também inteiramente para a Missa cantada.

27 — Sôbre as Missas cantadas, deve-se ainda observar o seguinte:

a) Se o sacerdote e os ministros fazem a entrada na Igreja por um caminho mais longo, havendo sido cantada a "antífona do Intróito com seu versículo", nada impede que se cantem vários outros versículos do mesmo salmo; neste caso, a antífona pode ser repetida de um em um ou de dois em dois versículos e, ao chegar o celebrante ao altar, interrompendo-se, se necessário, o salmo, canta-se o "Glória Patri" e por último repete-se a antífona.

b) "Depois da antífona do Ofertório" é permitdo o canto das antigas melodias gregorianas dos versículos que outrora se cantavam depois da antífona.

Se, entretanto, a antífona do Ofertório foi tirada de algum salmo, permite-se o canto de outros versículos do mesmo salmo; neste caso, a antífona pode ser repetida de um em um ou de dois em dois versículos e, acabado o Ofertório, o salmo termina com o "Glória Patri" e repete-se a antífona. Se a antífona não fôr tirada de salmo, pode-se escolher outro salmo adequado à solenidade. Pode-se também cantar, terminada a antífona do Ofertório, algum cântico em latim que se adapte a essa parte da Missa e não se estenda além da "Secreta".

c) A "Antífona da Comunhão", em si, deve ser cantada quando o sacerdote celebrante comunga. Se, entretanto, houver, comunhão dos fiéis, o canto da mesma antífona começará quando o sacerdote distribuir a sagrada Comunhão. Se esta antífona da Comunhão fôr tirada de algum salmo, é permitido o canto de outros versículos do mesmo; neste caso, a antífona pode ser repetida de um em um ou de dois em dois versículos e, acabada a Comunhão, o salmo termina com o "Glória Patri" e repete-se a antífona. Se a antífona não fôr de salmo, pode-se escolher algum adequado à solenidade e ao ato litúrgico.

Terminada a antífona da Comunhão, principalmente se a Comunhão dos fiéis se prolonga por muito tempo, é permitido também cantar outro cântico em latim, próprio para a sagrada função.

Além disso, os fiéis que vão comungar podem recitar por três vêzes, juntamente com o sacerdote celebrante, o "Domine, non sum dignus".

d) O Sanctus" e o "Benedictus" devem ser cantados sem interrupção se o forem em gregoriano; do contrário, o Benedictus será depois da Consagração.

e) Enquanto se realiza a Consagração deve cessar todo canto e, onde houver êste costume, também o som do órgão e o de qualquer outro insmento musical.

f) Terminada a Consagração, a não ser que ainda se deva cantar o "Benedictus", é aconselhável o silêncio até o "Pater noster".

g) Quando o sacerdote celebrante dá a bênção aos fiéis no fim da Missa, o órgão deve calar-se; e o sacerdote celebrante deve pronunciar as palavras da Bênção de modo a ser compreendido por todos os fiéis.

Domine Iesu,

Noverim me, noverim te;
Nec aliquid cupiam nisi te.
Oderim me, et amem te;
Omnia agam propter te.
Humiliem me, exaltem te.
Nihil cogitem nisi te.
Mortificem me, et vivam in te.
Quæcumque eveniant accipiam a te.
Persequar me, sequar te;
Semperque optem sequi te.
Fugiam me, confugiam ad te;
Ut merear defendi a te.
Timeam mihi, timeam te;
Et sim inter electos a te.
Diffidam mihi, fidam in te,
Obœdire velim propter te.
Ad nihil afficiar nisi ad te,
Et pauper sim propter te.
Aspice me, ut diligam te;
Voca me, ut videam te,
Et in æternum fruar te. Amen.

S. AUGUSTINUS

OS TRÊS ADVENTOS

THOMAS MERTON

SÃO Bernardo, freqüentemente volta à idéia dos "três Adventos" do Cristo. O primeiro destes três é quando Êle entrou no mundo, tendo recebido a aNtureza Humana no ventre da Bem-aventurada Virgem Maria. O terceiro é o Advento que O trará ao mundo no fim dos tempos, para julgar os vivos e os mortos, ou melhor, para manifestar o julgamento que os réprobos chamaram sôbre si deixando de receber o Seu amor e, a salvação que os eleitos aceitaram de Sua misericórdia.

O primeiro Advento é aquêle que se realiza quando Êle vem buscar e salvar aquilo que foi perdido. O terceiro é quando Êle virá buscar-nos para Si. (51). O primeiro é uma promessa e o terceiro é a realização. Meditar nestes dois Adventos é repousar nos braços de Deus, tendo a Sua mão esquerda sob a nossa cabeça e a Sua mão direita a abraçar-nos (52). E' também dormir "em meio das partilhas", *inter medios cleros* (isto quer dizer "viver em paz no meio de nossa herança") (53). Esta meditação no Mistério dos dois Adventos tornar-se-á fecunda pelas obras de caridade e nos levará a uma completa transformação em Cristo. A esta transformação, S. Bernardo atribui as palavras do Salmo (54) acêrca das "penas prateadas da pomba e do brilho de ouro no seu dorso." Devemos pratear nossas próprias asas nos mistérios do Cristo a fim de, na vida eterna, tornarmo-nos dourados em sua divindade. Se tivermos vivido na imitação de Suas virtudes e de Sua Paixão, nossa transformação espiritual nos levará, eventualment ea uma total transformação de todo o nosso sêr, corpo e alma, na ressurreição dos mortos quando

---

(51) Serm. IV Adv. n.1.
(52) Cântico 2:6.
(53) Salmo 67:14
(54) Salmo 67:15

(55) "Êle formará de novo êste nosso corpo humilhado, amoldando-o à imagem de Seu corpo glorificado" (56).

Os três Adventos de Cristo são a realização da *Pascha Christi*. Porém, até agora falamos, explìcitamente, só do primeiro e do terceiro. O segundo, de certo modo, é o mais importante para nós. Em nossa vida presente, a passagem de Cristo pelo mundo, neste segundo Advento, depende do nosso reconhecimento da *pascha* ou *transitus Christi, isto* é da passagem do Cristo por êste mundo, *por nossas próprias vidas.*

Meditando no primeiro e terceiro Advento, aprendemos a reconhecer o Advento atual, que está tendo lugar a todo momento de nossa existência terrena e viandante. Alertamo-nos para o fato que todo momento é um momento de julgamento, que Cristo está passando e que somos julgados em Sua passagem. Se nos reunirmos a Êle e viajarmos com êle para o céu, o "julgamento" tornar-se-á "*salvação*" para nós. Mas, se nos descuidarmos dÊle e O deixarmos passar, o nosso descuido é a nossa condensação.

Não admira, portanto, que São Bernardo não queira que ignoremos o Segundo Advento, o "*medius Adventus*", o tempo da visitação"! (57).

A meditação sôbre o primeiro Advento, dá-nos esperanças da promessa que nos foi ofertada. A lembrança do terceiro, faz-nos lembrar que devemos temer, caso por culpa nossa, deixamos de receber a execução dessa promessa. O segundo Advento, o atual, prêso entre estes dois períodos, é portanto necessàriamente um tempo de angústia, um tempo de conflito entre o medo e a alegria. Mas, é uma luta salutar! Termina em salvação e vitória porque purifica as nossas almas. (58).

Contudo, o Advento do meio é mais um tempo de consolação do que sofrimento, se refletirmos que aqui também o Cristo vem realmente a nós, dá-se realmente a nós, para possuirmos desde já o nosso céu na esperança.

Assim, o dormir da alma "entre as partilhas", "*inter medios cleros*" é afinal alegria "Êste Advento do meio, é o caminho pelo qual passamos do primeiro para o terceiro. No primeiro, Cristo foi a nossa Redenção, no último Êle aparecerá como nossa Vida. Neste, o atual, enquanto repousamos entre as partilhas (a nossa herança") *Êle é o nosso repouso e a nossa consolação*". (59).

Nada há de inativo neste "dormir". Póde, sem dúvida, trazer amortecimento e escuridão para a nossa natural atividade, pela ação superior das virtudes teologais. Porém, nesta "escuridão" Deus vem a nós e trabalha realmente em nossas almas. E' de fato Êle que vem a nós e trabalha em nós, em espírito e em verdade, a fim de que o

---

(55) Filipenses 3:21

(56) Serm IV Adv. nn. 4-7: cf. Serm VI Adv.

(57) Cf. Serm. Vi Adv. n. 1

(58) Serm. III. Vig. Nat. n. 5. Felix conscientia in qua luctamen hujusmodi indesinenter conficitur, donec quod mortale est adsorbeatur a vita, donec evacuetur timor quod ex parte et succedat laetitia quod perfectum est.

(59) Serm. V Adv. n.1

fruto de seu trabalho possa ser manifestado no terceiro Advento, quando Êle vier em glória e majestade (60).

O Trabalho de Cristo em nós no "Advento do Meio"

Evidentemente, o trabalho do Cristo em nós, como "Senhor das Virtudes" é produzir em nossas vidas as suas próprias virtudes; para nos transformar em Si, enquanto O contemplamos no Mistério do Advento e enquanto procuramos imitar a Sua humildade e o que Êle sofreu por amor a nós. O exemplo de Cristo então torna-se um elemento naquêle "julgamento" que nos é oferecido no Sacramento do Advento.

Mas, será necessário esperarmos até possuirmos tôdas as Suas virtudes, antes de podermos nos reunir a Êle em sua passagem pela nossa vida? Se assim fôsse, nunca nos poderíamos reunir a Êle. Primeiro então, devemos nos unir à Sua Verdade, pela nossa *humildade*. Se nós mesmos nos julgarmos neste julgamento atual, no qual o príncipe dêste mundo é repudiado, somos" julgados perfeitamente" e podemos, com segurança, esperar Sua vinda como Salvador (61).

Nossa humildade deve ser uma humildade profunda e de *coração*, reconhecendo-nos não só desprezíveis mas devemos também imitar Jesus fugindo de tudo que nos possa exaltar a nossos próprios olhos. Esta é a humildade na qual Êle próprio se exalta e nos une a Si em sua própria glória. A humildade nos faz nada procurar neste mundo exceto fazermos perfeitamente a vontade de Deus. Quando possuirmos esta vontade, então o Pai e o Filho vêm a nós e fazem a sua morada em nós, ainda na vida presente (62).

Êste é o Advento secreto e oculto no qual a sabedoria, sem barulho e sem alarde, constróe em nossos corações a Sua casa, elevando-a sôbre sete colunas e fazendo de nossas almas o Seu palácio e o seu trono. A alma do justo é a séde da sebedoria e portanto o trabalho de nossa preparação para a divina união é acima de tudo, trabalho de "justiça". São Bernardo entra em detalhes sôbre esta justiça que nos faz semelhantes a Deus ela consiste em dar a cada um o que lhe é devido, aos nossos superiores, inferiores e aos nossos iguais — e até ao nosso corpo (63). No entanto êste trabalho de "justiça" deve deve ser coroado, como êle nos diz acima, pelo julgamento de nós mesmos que abre as nossas almas à corrente da graça divina que nos "justifica" pelos Seus dons gratuitos.

Mas, sobretudo, o que Deus nos pede é que nos julguemos para reconhecermos o nosso nada, ficarmos convencidos de que devemos tudo receber dÊle. Se nós nos julgarmos, Êle nunca nos julgará, por que estaremos cheios de Sua graça (64). O homem que verdadeiramente deseja preparar-se para ser o trono da sabedoria de Deus, deve

---

(60) Serm. V. Adv. n.1. Per virtutem enim pervenitur ad gloriam quia Dominus virtutem ipse est rer gloriae.

(61) Serm. IV Adv. n. 3

(62) Serm. III Adv. n.4

(63) Serm. III Adv. nn. 4-7

(64) Serm. III Adv. n.7. Tantum dicamus iniquitates nostras et justificabit nos gratis, ut gratia commendetur.

acima de tudo, aprender a guardar os mandamentos de Deus e sempre ter-se em conta de um servo indigno e inútil.

Esta degradação e humildade, nas quais aprendemos a desconfiar de nossas próprias fôrças e a depender de Deus em tudo, enquanto generosa e sinceramente nos esforçamos por fazer a sua vontade, é um meio d econsolação e de confiança pelo qual as almas encontram a Deus e nÊle repousam, ainda mesmo enquanto elas labutam, como peregrinos nas jornadas desta vida (65).

As Escrituras como "Advento"

Nosso *viaticum* nesta jornada do primeiro Advento ao terceiro é a palavra de Deus revelada.

Isto devia ser claramente evidente visto que desde o princípio temos estado a falar do "Mistério do Cristo" ou do "Sacramento do Advento" que é a presença do Cristo no mundo preparando o plano divino para restaurar tudo em si e levar para seu Pai. Ora, êste trabalho de Cristo é feito em nós pela fé e manifesta-se na caridade (66). Mas, a fé, vem "pela audição" e "ouvindo" apalavra de Deus (67). Só assim todo aquêle que clamar pelo nome do Senhor será salvo. Porque, se não souberem o Seu Nome, como hão de chamar? "Como o hão de chamar, senão quando souberem acreditar nÊle? E como hão de acreditar nêle se não escutarem a Sua voz? E como podem ouvi-lO. sem um pregador para os fazer ouvir?" (68). O "Advento" de nossa vida presente é aquêle no qual Deus vem a nós num mistério que nos é revelado pela sua Igreja, pelos seus Sacramentos, pelo seu ensinamento e de uma maneira muito especial, pelas Escrituras, que "escritas pelo Espírito Santo têm Deus por Autor" (69).

Tudo que Jesus Cristo nos ensina na Escritura ou pelo magistério, govêrno e pela autoridade santificadora de sua Igreja pode ser chamado a "palavra de Deus" — "*sermo Dei*". E' de tôda importância compreender de que maneira esta palavra entra em nossa vida para santificá-la e nutrir o Cristo — vida que é o "Sacramento" de seu Advento secreto e pessoal na intimidade de nossa alma.

São Bernardo mais uma vez cita o Quarto Evangelho para não esquecermos que "guardando" a palavra de Deus fazemos de nossa alma a morada da Santíssima Trindade (70). Se Deus deve vir para o mais secreto de nossos corações cumpre guardar a Sua palavra nesse mesmo santuário interior. *In corde meo abscondi eloquia tua!* (71). Mas, o que quer dizer guardar estas palavras dentro de nosso coração? Lembrarmo-nos delas? Pensar nelas? Isso não é suficiente. De fato conservar a palavra de Deus em nossas mentes como objeto de especulação, não é mais do que produzir em nós a "ciência que incha".

---

(65) Serm. Adv. n.1. Delectabiliter dormiunt (in medio Adventu) qui eum norunt.
(66) Gal. 5:6
(67) Romanos 10:16
(68) Romanos 10:14.
(69) Concílio de Trento e do Vaticano
(70) Serm. V Adv. n.2
(71) Salmo 118:11.

(72). Além disso, o que está na memória com facilidade apaga-se pelo esquecimento. O pão material guardado em um armário pode ser roubado por ladrões ou criar mofo. Da mesma maneira a palavra de Deus é inútil para nós se for sòmente armazenada na inteligência ou na memória.

Assim como comemos o pão material para alimentarmo-nos com êle, assim também devemos "comer" o pão da vida e alimentar a alma. Êste "comer" a palavra de Deus é observê-la no mais profundo de nossas almas com fé obediente e amorosa e depois deixá-la manifestar-se na atividade vital e própria da fé: obras de amor, bons hábitos, vida perfeita. E' isto então que alimenta e delicia a nossa vida no segundo "Advento" (73). Quando somos assim alimentados pela palavra de Deus na Escritura, quando "vivemos" a divina mensagem da Escritura, Cristo toma posse de todo o nosso ser, expulsa os últimos vestígios de "homem velho" e manifesta Sua presença em tudo que fazemos (74).

Aquêles que não se aprofundam no Mistério de Cristo, contentam-se com uma fé superficial, não são verdadeiramente alimentados pelo Sacramento do Advento (75). O homem do mundo pode "celebrar" o mistério do Advento mas não se regosija nêle. Êle não transborda da rica vida interior daquêles que *vivem* o mistério. Êle só pratica por rotina, observando esta festa como uma cerimônia sem vida! (76).

No entanto, São Bernardo francamente admite que esta penetração contemplativa do Mistério do Cristo, esta consciência que encontra Cristo sob o véu no "sacramento" da Escritura, não a podemos conseguir ùnicamente por nossos próprios esforços. E' verdade, que as palavras da Escritura que estão "tôdas cheias dos mistérios do céu, requerem um leitor diligente que saiba retirar mel do rochedo e azeite da pedra mais dura" (77). Mas, em última análise, esta consoladora irradiação é sempre um dom de Deus, orvalhando dos céus, prodigalizando Sua bondade para que a terra produza seus frutos.

Os autores sagrados possuiam o Espírito Santo em grande abundância, e até certo ponto O comunicam a nós pelas palavras que escreveram debaixo da inspiração do Espírito Santo. Mas, o próprio Deus tem que soprar nos nossos corações enquanto lemos as Escrituras. E' esta ação divina dentro de nós, iluminando-nos para recebê-lo pela sua palavra revelada que, podemos dizer, é a *"res sacramenti"* do Sacramento do Advento. As palavras com as quais São Bernardo invoca esta divina ação no princípio de suas homilías sôbre o *Missus est* sugere uma. Queira Deus mandar-nos agora Sua palavra e diluir êstes aromas para bela oração para ser usada momentos antes de nossa *Lectio Divina.* Queira Deus mandar-nos agora Sua palavra e diluir êstes aromas para nós; para que em nossos corações elas sejam mais desejadas do que o ouro e as pedras mais preciosas e tornem-se mais doces do que mel e o favo de mel! (78).

---

(72) ICor. 8:1.
(73) Serm. V Adv. n.2
(74) Serm. V Adv. n.3
(75) Serm. III Adv. n.2. Non omnes haec memoria pascit.
(76) Serm. III Adv. n.2 dies istos quadam arida consuetudine observantes.
(77) Hom. I Sup. Missus Est, n.1
(78) Hom L. Sup Missus Est n.1. Utinam et nunc Deus emittat verbum suum et liquefaciet ea (aromata nobis; finat in cordibus nostris desiderabilia super aurum et lapidem pretiosum multum, fiant et dulciora super mel et favum.

Maria, o "Caminho Real"

Resta uma idéia para completar a doutrina de São Bernardo sôbre o Sacramento do Advento. Deus quis que a Bem-aventurada Viregm Maria tivesse uma parte absolutamente necessária no Mistério da Encarnação e no de nossa Redenção. Êle quis que a salvação do mundo dependesse do seu consentimento (79). Maria é o "caminho real" pelo qual o Rei da Glória desce até ao abismo da miséria humana a fim de restabelecer a humanidade decaída no lugar que lhe foi destinado no céu. *Virço regia ipsa est via per quam Salvator adventit* (80).

Se excluirmos Nossa Senhora do Sacramento do Advento nunca poderemos penetrar inteiramente nos seus mistérios, visto que devemos sair para ir ao encontro de Jesus nosso Salvador pelo mesmo Caminho por onde Êle veio até nós. Esforcemo-nos, amados irmãos de, por Maria ascender até aquêle que pela mesma desceu até nós; por Maria entramos na Graça daquêle que por Ela desceu até a nossa miséria (81).

Será desnecessário citar tôdas as famosas palavras de São Bernardo em louvor do santo Nome de Maria, palavras que a próprias Igreja canta na festa dêsse Nome. E' suficiente lembrar ao leitor que São Bernardo não encontra provação nenuhma, nem dificuldade alguma na vida, que não seja vencida sob a invocação do Nome de Maria. O poder que o Abade de Claraval sente no nome de Maria é mais uma prova de sua tese de que Maria é a medianeira de tôdas as graças. Êle termina: Seguindo-a, não vos perdereis: clamando por ela, não perdereis a esperança; pensando nela, não sereis engandos. Seguros em sua mão não caireis; sob sua proteção não temereis; tendo a ela por guia, não ficareis fatigados; com o seu favor alcançar a meta: e assim por vós mesmos experimentais o quanto é oportuno dizer-se: "e o nome da Virgem era Maria"! (82).

Uma das idéias chaves na Teologia Mística de São Bernardo é o sumário de todo o trabalho da Redenção na frase *Sapientia vincit malitiam* — "A Sabedorai vence a malícia" (83). O homem, com a queda perdeu o gôsto, o conhecimento experimental das coisas divinas (*sapida scientia*). O pecado de Adão foi originalmente aquêle orgulho que é, tão sutilmente analisado, por São Bernardo como *curiositas* curiosidade (84). Agora, nesta obra de reparação, a sabedoria divina procura lavar todo o vestígio da corrupção do mal. Para poder fazê-lo

---

(79) Hom IV Sup. Missus Est, n.8

(80) Serm. II Adv. n.5. Studeamus et nos, dilectissime, ad ipusm per eam ascendere, qui per ipsam ad nos descendit: per eam venire in gratiam ipsius qui per eam in nostram miseriam venit.

(82) Hom. II Sup. Missus Est, n. 17. Ipsam sequens non devias: ipsans rogans non desperas: ipsam cogitans non erras. Ipsa tenente non corruis: ipsa protegente non metuis; ipsa duce non fatigares; ipsa propitia pervenis: et sic in temetipso experies quam merito dictum sit: "et nomen Virginis Maria".

(83) cf. Serm. 14 de Diversis e os Sermões finais in "Cantica".

(84) De Gradibus Humilitatis et Superbiae, n. 19, ff.

mais perfeitamente, restaura o homem na sua antiga dignidade, da mesma maneira que êle a perdeu: por uma mulher. "Se o homem caiu por culpa de uma mulher, êle não é de novo elevado senão por uma mulher" (85). E' por Maria que somos re-formados na sabedoria". E' sôbre ela que o Espírito de Deus paira, muito amorosamente, na execução de sua mais sublime ação, preparando para restaurar no homem o gôsto, que êle perdeu ,pelas coisas espirituais dando-lhe por alimento, o próprio Verbo encarnado, fruto desta flôr virginal (86). Vemos claramente neste texto, que Maria está mesmo no centro do misticismo monástico. Ela é a Mãe da Contemplação monástica por que ela é a Mãe de Jesus no monge.

Sem ela não podemos nem principiar a ter vida espiritual. Ela é a fonte e a fôrça-motriz de tôdas as nossas orações. Deus, nesta sua sublime obra, opera em silêncio, sem o barulho das palavras. O anjo encontra Maria orando na solidão, com a porta fechada, em segrêdo. O princípio da terceira Homília sôbre o *Missus est* é um hino de louvor a Nossa Senhora da Solidão e lembra-nos que mesmo para um cenobita, a solidão interior e até mesmo um pouco de solidão exterior, é necessária para a contemplação (87). E' no silêncio e na solidão da oração humilde de Maria que o Verbo Divino baixa sôbre a terra, tão silencioso como o orvalho da meia-noite. Não fôra o silêncio e a solidão de Maria, o nosso mundo teria permanecido um deserto de verdade. *Vere sine ipsa non aliud quam terra arida sumus!* (88). Não encontrando nela obstáculo algum para a sua obra de amor, Deus faz jorrar sôbre ela tôda a largueza da Divina Benevolência, a *pluvia volutaria*, que a possue sem o barulho das operações humanas, *absque strepitu operationis humanae suo quietissimo illapsu virgineum dimisit in uterum* (89). O Verbo entra no mundo pelas portas de sua contemplação silenciosa, é, depois, difundido pelo mundo inteiro, como nós O recebemos dos Apóstolos, que O receberam dela; eis ai um comentário admirável sôbre o ensino familiar de São Bernardo em relação as respectivas funções da contemplação e da ação na vida da Igreja!

O principal tema das homílias sôbre o *Missus est* é a idéia de que Maria está sempre prefigurada nas Escrituras. Por que Jesus é o coração das Escrituras e desde que Êle não vem a nós a não ser por Maria, então São Bernardo conclui, Maria é também o Coração da Escritura. Êle a revela a nós em todos os tipos tradicionais que na liturgia nos são sempre familiares. Ela é a "Mulher" que esmagará a cabeça da serpente. Ela é a mulher forte dos Provérbios. Ela é a sarça que Moisés viu no deserto, ardendo sem ser consumida. Ela é a vara de Arão o rebento que brota da raiz da árvore arruinada de Jessé. Ela é o despojo de Gedeão (90). De fato, para São Bernardo, as Escrituras tôdas, harmonizando-se como os instrumentos de uma grande orquestra e por todos êstes diversos instrumentos, o Espírito de Deus proclama uma só mensagem em todos os tons; todos êles conduzindo para a declaração final do anjo a Maria, na qual todo o Velho Testamento

---

(85) Hom. II sup. Missus Est, n.3. Si vir cecidit per feminam non erigitur nisi per feminam.

(86) Hom. III Sup. Missus Est, n.6

(87) Cf. Serm. 40 in Cantica, n.4.

(88) Hom. II Sup. Missus Est, n.7

(89) ibid.

patenteia a sua realizaãço. Maria, de certa maneira, é em si o Velho Testamento. Ela reune em si tôdas as profecias e todos os milagres e revela o que êles significam dando a luz ao Verbo Divino que estava contido e oculto em todos êles (91).

De tôda a eternidade Deus previu e preparou o puro coração desta Virgem Imaculada para ser o seu trono. A santidade de Maria é seu maior trabalho, depois da Encarnação. Pelo seu poder, Êle está presente em tôdas as criaturas; presente nos entes racionais como objeto da ciência; presente nos santos pela união do amor; Deus faz-se agora presente no seio de Maria, de uma maneira totalmente nova e sublime; unindo não só a sua casta vontade mas até a sua carne, de forma que Êle recebe a carne de sua substância. Jesus é ao mesmo tempo Filho de Deus e Filho de Maria, "embora não só de Deus nem só da Virgem, Êle, no entanto, pertence inteiramente a Deus e inteiramente à Virgem" (92). Foi ao mesmo tempo a humildade e a virgindade de Maria que atraíram Deus a descer para o seu coração castíssimo. Porém, esta humildade e esta virgindade eram simplesmente reflexos de suas perfeições divinas e na verdade, elas eram o resultado de Deus já estar "com ela". Afinal Deus que mandou o anjo a Maria já estava nela antes do anjo chegar, porque o anjo a saudou: "Cheia de graça, o Senhor é contigo"; "Deus foi mais veloz do que o anjo e assim alcançou a terra mais ràpidamente do que o Seu mensageiro mesmo apressado" (93).

Esta presença de Deus em Maria, êste trabalho das Três Divinas Pessoas em seu coração é o próprio segrêdo do Advento, o centro do Mistério, e é em Maria que o Verbo perfaz o *maravilhoso Sacramento* do Advento — *Filius tecum ad condedum in te mirable Sacramentum!* (94).

Se Êle assim estava nela, era a fim de dar-se a nós por Ela. Quando quer que seu nome esteja em nossos lábios, Jesus está em nossos corações. Onde quer que Maria seja invocada é o Advento; e Deus faz-se presente de um modo novo em seu mundo regenerado.

Tradução de Sophia Costa

---

(90) Hom. II Sup. Missus Est, nn 4-7.
(91) Hom. II Sup. Missus Est. n.11.
(92) Hom. II Sup. Missus Est. n.4. Etsi nec totus de Deo nec totus de Virgine, totus tamem Dei et totus Virginis est.
(93) Hom. III Sup. Missus Est. n.2. Gratia plena Dominus tecum... Velocior angelo fuit Deus ut festinantem nuntium celerior ipse praeveniret ad terras.
(94) Hom. III Sup. Missus Est. n.4.

«MISERICORDIAS DOMINI»

As promessas e os vaticínios divinos para com o povo eleito, e especialmente para com o chefe desse povo, ocupam a parte principal dêste grande salmo das misericórdias do Senhor, da fidelidade de um Deus que estende seus braços para chamar a si a humanidade decaída. Vimos nas duas primeiras partes do Salmo (1) que êste, nos versículos 2-5 resume brevemente as grandes promessas de Deus, em vista das quais o salmista canta as suas misericórdias. Numa segunda parte (vv. 6-9) o poder divino é louvado, a fôrça daquêle que prometeu, que jurou e que sabe ser fiel à sua promessa é exaltada. Trata-se de um verdadeiro salmo de louvor à grandeza de Deus, dentro do grande salmo messiânico da Aliança salvadora. Na terceira parte, onde nos encontravamos quando foi êste comentário interrompido, trata-se, de novo, das promessas divinas. Há uma retomada do tema fundamental da Aliança com Daví, ressalta-se o pacto divino-humano, portador da salvação para todos os homens, na pessoa do descendente de Daví, do Filho de Deus e Filho do Homem.

Os vv. 20 e 21, vimos, falam da entusiástica escôlha divina que recai em Daví, o herói que vence os inimigos, o eleito, o servo fiel de Deus, o ungido, o rei consagrado pelo óleo do Senhor e assistido por sua invencível fôrça.

Eis os versos que desenvolvem esta terceira parte em que se retoma o tema das "Promessas Divinas".

20. Falaste outrora a teus fiéis em visão e disseste:
Coloquei minha corôa sôbre o Herói,
Sustei o eleito do meio do povo.
21. Encontrei Daví, meu servo,
Sagrei-o com minha santa unção.
22. Para que minha mão esteja sempre com êle.
Meu braço o fortificará.
23. O inimigo não o surpreenderá
Nem o perverso o oprimirá.

---

(1) Ver o Comentário "O Salmo Misericórdias Domini", em sua primeira parte na Revista Gregoriana n.º 29, Julho-Agôsto de 1958.

24. Esmagarei seus adversários diante dêle
e baterei aqueles que o odeiam.
25. Minha fidelidade e minha bondade estarão com êle; e em meu nome se alçará sua cabeça.
26. Estenderei sôbre o mar sua mão,
Sôbre o rio a sua dextra.
27. Êle me chamará: tu és meu Pai
Deus meu e rochedo de minha salvação.
28. Eu o constituirei meu primogênito,
O mais alto entre os reis da terra.
29. Eu lhe assegurarei um favor eterno,
e permanecerá inquebrantável minha aliança com êle.
30. Dar-lhe-ei uma posteridade eterna
e um trono com a duração dos céus.
31. Se, porventura, seus filhos abandonarem a minha lei,
e não caminharem segundo os meus preceitos,
32. Se violarem meus mandamentos
e não observarem as minhas ordens,
33. Punirei com minha vara sua rebelião
e com golpes a sua culpa;
34. Mas não lhes retirarei a minha graça
nem mentirei à minha fidelidade;
35. Não violarei minha aliança,
nem mudarei a palavra saída dos meus lábios;
36. De uma vez por tôdas jurei por minha santidade,
não, não mentirei de modo algum a Daví;
37. Sua descendência permanecerá eternamente
e seu trono estará diante de mim como o sol,
38. Como a lua, permanecerá eternamente
e a testemunha que está no céu é fiel. (Pausa).

A escôlha de Daví para rei de seu povo e amigo de Deus, ungido do Senhor, trazia-lhe o grande apôio temporal dAquêle que tem todo o poder e seu dispor. Deus fala antropomòrficamente em sua "mão" e em seu "braço" que estarão a defender o seu eleito (v. 22) contra todos os seus inimigos, dois dos quais recebem alusões pessoais, um que usará de disfarce e de surpresa, outro, de fôrça e violência, de onde os dois verbos: surpreender e oprimir do v. 23. Saul e Absalão podem ser o objeto das alusões, mas todos os inimigos de Daví são visados como inimigos de Deus, e por Êle mesmo esmagados e batidos (v. 24).

Volta ao canto o estribilho um tanto irregular de louvor à *fidelidade* do Deus que jura e cumpre seu pacto de salvação, fruto êste de sua *bondade*, de sua graça, de sua *misericórdia*. São êstes os dois grandes atributos de Deus em todo êste salmo: a *bondade*, a graça de descer ao homem em uma aliança que o salvará e a *fidelidade* em cumprir essa aliança, não obstante as mil quedas, deslises e traições da humanidade pecadora. Na Misericórdia e na Fidelidade de Deus, quem não se levantará? Daví, portanto, alçará sua cabeça (v. 25), segundo a imagem já usada no v. 18. O poder sôbre os

bens terrenos são expressos pela mão que se estenderá sôbre o mar, indicando o domínio sôbre o país mediterrâneo, e sua direita sôbre os rios; o Eufrates e seus muitos canais seriam assim designados pelo plural, a não ser que num sentido messiânico se entenda êste v. 26 num âmbito de totalidade dos acidentes da terra.

Em todos êsses versos (22-26) manifesta-se o poder de Deus sustentando seu servo numa luta dura, da qual êle, porém, sairá vencedor, homologando em si a vitória de Deus que vence por êle e com êle. O inimigo não desaparece diante do eleito do Senhor. Há luta, sem a qual não há vitória. O inimigo faz a sua função, lutando, castigando, não dominando, nem vencendo. Sem êle não há o auxílio do Senhor, não há vencedor, não há misericórdia e fidelidade. (2)

De um momento para outro, o salmo atinge um tipo de relação mais fundamental e mais profunda entre as duas partes da Aliança: Deus e seu escolhido. E' Deus mesmo que diz no v. 27 como o eleito o chamará diante de todos os favores dessa eleição de misericórdia e graça: *"tu és meu Pai"*. Ao que Deus responde chamando-o e constituindo-o como *"primogênito"* (v.28). Nêste ponto atinge-se a nota mais fortemente messiânica dêste salmo. Daví chamará Deus de meu Pai, e Deus chamará Daví de "meu filho primogênito" da maneira mais plena e mais perfeita possível, quando Daví não for mais Daví, mas o Filho de Daví, Cristo Jesus. Nosso salmo faz aqui indubitàvelmente referência ao trecho da Profecia de Natan a Daví sôbre seu filho Salomão. (3) Diz o Profeta ao Rei que quem construirá um templo para Deus não será êle mas sua descendência, alguém dela nascido. Será Salomão, será também o Cristo que construiu o templo do Senhor em espírito e verdade, a Igreja que nasceu de seu lado aberto, no alto da Cruz. Logo em seguida, diz Deus através do profeta Natan: "Eu serei para êle um Pai, êle será para mim um filho". (4)

Ora, na base dessa palavra do profeta Natan, a relação de paternidade e filiação caberá à descendência de Daví pròpriamente. O grande descendente de Daví a que se poderia referir a profecia, Salomão, o construtor do templo, na época em que é escrito o salmo, já

---

(2) Cf. S. Augustinus: Enarr. in Ps. 88, 23-25. Op. cit. p. 1231.

(3) Cf. 2 Sam. 7,13-16.

(4) Ib. 7,14. A continuação do verso é semelhante ao que diz o nosso salmo. Se êle fizer o mal eu o castigarei com varas, mas não retirarei dêle a minha graça (7,14); é o mesmo que se diz nos vv. 32-34 do Sl 88. Quanto à firmeza do trono para a eternidade, é assunto da profecia de Natan no v. 16 e do Sl 37.

passou, já teve seu apogeu e seu declínio; seu templo nem é mencionado pelo salmista; logo, aquêle que chamará Deus de Pai e que será o primogênito ainda está para vir, e o fará na fôrça de uma epifania divina, na plenitude dos tempos.

Êle é primogênito porque é único em certo sentido, e porque é o primeiro que abrirá o caminho para o nascimento de muitos irmãos no mistério que Êle vem instaurar entre nós: o de um renascer para a vida divina, o mistério da filiação divina. "A todos que o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que crêem em seu nome... vimos sua glória, como a que o filho único tem de seu Pai". (5)

Deus, pois, o constitui como seu primogênito e como "O mais alto entre os reis da terra" (v. 28). Daví é um grande rei, mas chefe de um reinado perecível, o Filho de Deus, aquêle que tem a natureza divina, no momento mesmo em que se fêz homem, em unidade de pessoa, tornou-se por incontrastável poder, o mais alto rei da terra, o único que pode dominar o universo inteiro em campos que escapam totalmente ao influxo siquer do mais poderoso rei dêste mundo. O Reinado de Cristo não é dêste mundo, enquanto êste se obstina a submeter-se a um príncipe derrotado, é também dêste mundo enquanto o nascimento de Cristo é a vinda do "Rex pacificus" que desceu em seus próprios domínios: "in propria venit" e que do alto da cruz resgatou tôda a criação do domínio do príncipe das trevas. Esta é a realização perfeita da aliança a que se refere Deus no salmo 88. E' inquebrantável a aliança de Deus, tanto mais que seu próprio Filho, enquanto homem e filho do homem se incumbirá de solver a parte da humanidade no pacto com esta contraído. Será a aliança perfeita no sangue do Cordeiro, o testamento de uma herança eterna. No Cristo, a graça de Deus derramada sôbre os homens será permanente (v. 29), a aliança inquebrantável, a posteridade eterna, em um reino eterno terá um trono firme como os céus. Por causa dÊle (do Cristo) o testamento é fiel, "fidele testamentum" diz Sto. Agostinho, a aliança inquebrantável; "in ipso mediatum est testamentum", no Cristo encontrou o testamento seu mediador: "ipse mediator testamenti, ipse signator testamenti, ipse fideiussor testamenti, ipse testis testamenti, ipse haereditas testamenti, ipse coheres testamenti". Cristo é o testador, o que firma, o fiador, o testemunha, êle a própria herança do testamento e o co-herdeiro (6) O que Agostinho diz do Cristo relativamente à aliança e ao testamento — que são uma só coisa no hebraico e no grego — já nos diz a Epístola aos Hebreus, naturalmente sem a exuberância oratória do Doutor hiponense. No

(5) Jo 1,12;14.
(6) S. Augustinus Enarr. in Ps. 88, 28 op. cit. p. 1232.

capítulo 7, a epístola aos Hebreus fala do sacerdócio do Cristo, único, definitivo e amplamente suficiente para oferecer a Deus a vítima perfeita, em comparação com os muitos sacerdotes da Antiga Lei, e mostra a superioridade do Novo sôbre o Antigo Testamento. E' dêste melhor testamento que Cristo se fêz *garantir*, o *sponsor* da nova aliança entre Deus e os homens. (7) No Capítulo seguinte, a mesma Epístola fala da superioridade do Novo Tsetamento que sanciona uma promessa superior: o próprio reino é a herança do testamento do qual o Cristo é o *mediador*. (8) Mais adiante, o Cristo aparece como o *testador* do Novo Testamento cujo acêrvo é constituído pela própria "herança eterna".

A Sagrada Escritura aqui passa do significado de aliança: pacto, para o sentido de disposição testamentária que tem efeito transmissivo da propriedade dos bens, "mortis causa". O Autor da Epístola não hesita em aplicar ao Cristo, em sua paixão e morte redentora, através da qual herdamos o reino eterno do Pai, o princípio clássico do direito romano sôbre o momento em que começa a ter eficácia um instrumento jurídico de testamento: "Onde há testamento, necessário se faz que ocorra a morte do testador... não obtem ainda valor enquanto vive o que dispôs em testamento (9). Assim deu o Cristo tôda a fôrça de execução àquela aliança, àquele testamento" que nosso salmo diz ser inquebrantável entre Deus e Daví (v. 29; 35).

Feitas essas magníficas promessas a Daví sôbre a assistência que Deus lhe dará, sôbre a sorte eterna de sua descendência, com um domínio sem fim e sem sombras do seu trono, nos versos 31 e seguintes, Deus fala das possíveis prevaricações dos filhos de Daví. O partido de Deus está tomado, Êle não mudará o que jurou a Daví; não mudará a Aliança (v. 35 e 36), não mentirá, não violará o que dispôs; castigará aquêles que pecarem, mostrar-lhes-á com duras penas o caminho da Aliança mas não disfará esta aliança, não retirará sua Graça, sua misericórdia, de Daví e de sua gente (v. 33 e 34). Vemos que o castigo será prova de misericórdia, e a fidelidade será forte para não deixar Deus romper sua Aliança. Misericórdia e Fidelidade são pois as grandes colunas da Aliança. O nosso salmo trata desta e de seus dois pilares. Foram inúmeras as prevaricações dos descendentes de Daví — porque não começar pelo próprio Daví? — ; Deus os castigou, os corrigiu com severidade, sua Aliança continua firme em seu caminho para a plenitude da misericórdia

---

(7) Hebr. 7,22s

(8) Hebr. 8,6; "Mas o nosso Sacerdote (o Cristo, em contraposição a Moisés) recebeu um ministério tanto mais elevado quanto êle é mediador de uma aliança superior, e fundada em melhores promessas".

(9) Hebr. 10, 16s.

e da fidelidade na Encarnação do Verbo. A história do povo eleito narrada pelos livros sacros, em dado momento adota, quase a maneira de estribilho, a frase referente a um novo chefe do povo: "Êle fez o mal aos olhos de Javé". Os mesmos livros estão também repletos de castigos lançados por Deus ao seu povo, sob a forma de acontecimentos históricos: invasões, cativeiros, destruições etc. Nem por isso, êsse povo deixa de ser o depositário da promessa, o possuidor da graça e da misericórdia que a Fidelidade de Deus concretiza com a vinda do Messias, o Emanuel, que é Deus conosco, Jesus, o Salvador. E' pois a própria história quem melhor comenta a palavra divina expressa nesses versículos 31 a 37 de nosso salmo. Sob o regime da Graça, no regime da Nova Aliança, selada pelo sangue de Cristo, Filho de Deus, as palavras continuam a ter seu pleno sentido, aplicando-se agora à história da Igreja, enquanto instituição humana, e à história de cada alma cristã em sua luta para a conquista do Reino dos Céus através do caminho estreito, através dos obstáculos que fazem perigar ou cair, contando entretanto com a misericórdia que a faz levantar-se e prosseguir, perseverando até ao fim.

As palavras de *eternidade* e fidelidade *perpétua* da assistência de Deus ao seu pacto não devem pois ser tomadas aqui, como pode acontecer em outros lugares, para designar apenas um longo espaço de tempo. Elas aqui têm um sentido verdadeiramente messiânico e se estendem ao reinado do Cristo, atingindo com êste a firmeza de uma eternidade que nada tem de metafórica. Dessa forma, vivemos na Igreja, da fidelidade do juramento do Senhor, proferido por Êle em sua santidade para fazer de todos nós participantes de sua mesma santidade. Aplicam-se pois, para nós cristãos, como dissemos acima, as promessas de castigo que nos farão voltar da rebelião e da desobediência à Graça e à Misericórdia. As armas do castigo, da pena, da dor, da penitência são, porém, no regime da Aliança, como nos diz o salmo, armas da Misericórdia. E' a graça e a bondade de Deus que estão agindo, manejando e aplicando o açoite que corrige, que sana, que cura, que reconduz à amizade, que reconcilia com Deus, fazendo do coração rebelde um coração contrito e humilde que agrada mais a Deus que qualquer dom. Dai deriva a palavra tão conhecida quão severa: "Deus corrige a quem ama" ilustrada por Sto. Agostinho em uma página de raro brilho: "Se penetraste bem no que seja a herança do pai, não temas ser flagelado, mas desherdado; Deus castiga a quem ama, castiga a todo o filho que recebe"; para que isso não pareça demais duro e revoltante, vai adiante no raciónío: "O filho pecador nega-se porventura a ser flagelado, quando vê o Filho Único (o Unigênito) sem pecado algum ser flagelado?... É melhor ser ensinado com o açoite do pai que perecer sob os agra-

dos do usurpador" (10). Portanto, cada um será necessàriamente castigado por seus pecados, mas se é cristão, dêle não se afastará a misericórdia de Deus. E' o que nos diz ainda Agostinho. Encoraja-se então com isso o pecado, garantida que está a derradeira complacência divina? — De modo algum. A realidade é mais trágica do que pode parecer à primeira vista. O pecado tem seu aguilhão, o mal suas tenazes garras. O que caminha na senda do pecado, repele a mão do que castiga, aos poucos se embrenhará em uma teia que o fará fugir do Pai que pune; afastando-se do Pai, afasta-se da herança. Não é pois Deus que retira sua Graça e sua Misericórdia, é o pecador que foge dela por sua própria iniciativa. Assim Deus é fiel a seu testamento de paz, à herança do Reino que prometeu. Se pecares, a misericórdia se fará sentir com o sabor dos açoites que mereces, mas Deus não te abandonará, a não ser que definitivamente rejeites a misericórdia que se apresenta como mão que corrige e cura. Nem por isso, o Reino de Deus ficará sem suficientes herdeiros, de modo que, com verdade, pode Deus dizer: "não mentirei a Daví, sua descendência permanecerá eternamente". (v. 36s), isto é, no Cristo, filho de Daví, que nos conquistou esta herança.

Deus portanto reafirma que essas promessas feitas a Daví e à sua descendência Êle as jurou "por minha santidade" (v. 36) isto é, trata-se da própria santidade de Deus, que é sua essência mesma que está empenhada como garantia dêsse juramento. Não poderia Deus negar seu pacto e seu juramento sem deixar de ser Deus (11). Para mostrar ainda a fôrça do juramento, no seu próprio objeto, Deus fala da firmeza eterna da descendência de Daví e de seu trono. Faz nos dois últimos versículos uma tríplice comparação (v. 37-38) que tem sido compreendida de modo diverso pelos intérpretes.

O trono terá a firmeza e a permanência do sol. Eis a primeira comparação. Mas, comenta Agostinho, não como o sol que nasce e que morre, diante dos homens, sôbre bons, e maus, sôbre homens, animais e moscas. Não, trata-se aqui do trono diante de Deus, como o sol sem ocaso que está frente a Deus sem cessar. (12) Êste sol que é a própria luz de Deus, que está num trono eterno diante dÊle, outro não pode ser senão o próprio Cristo que é o verdadeiro sol sem ocaso.

Em seguida, diz-se que o mesmo trono é como a Lua. Eis a segunda comparação. E em terceiro lugar diz-se que o trono perma-

---

(10) Enarr. in Ps. 88. Op. cit. p. 1234.

(11) "O Senhor jurou por sua santidade" aparece em Amos, 4,2 num texto em que o Profeta exprobra as "vacas de Basan" como êle chama as mulheres ricas e dissolutas de Samaria.

(12) Enarr. in Ps. 88 op. cit. p. 1236.

necerá eternamente como a própria testemunha fiel que está no céu, que está na nuvem. Esta testemunha é Deus mesmo. Assim o trono de Daví é comparado, em sua eterna permanência, ao sol, à lua e a Deus mesmo, testemunha fiel no Céu.

Outra interpretação une os dois últimos elementos em um só. Trata-se da lua que é, nas nuvens do céu, uma testemunha fiel da perenidade do trono de Daví. A lua, nêsse sentido, invariàvelmente fiel ao seu curso regular, é uma testemunha que caminha pelos céus, através das nuvens — ao menos poèticamente falando — é testemunha de que a ordem das coisas estabelecida por Deus se realiza indefectìvelmente. Para admitir esta interpretação, porém — advertem os autores — (13) seria necessário supor uma construção muito tortuosa. Há ainda quem sustente, distinguindo um terceiro elemento de comparação no segundo hemistíquio do verso 38, que a testemunha fiel que está no céu é o arco-iris, (14) o arco da aliança primeira que Deus fêz com o homem, com a intenção de resgatá-lo da situação de natureza decaída à que se sujeitara. E' um arco de paz, é um arco de aliança que testemunhará que Deus será fiel em sua promessa. Êste arco só poderá, diante do trono da descendência de Daví, encontrar a mais ampla confirmação de seu testemunho, assim como o prenúncio cresce na realidade que prenuncia.

De qualquer forma, é difícil dizer com certeza o sentido dessas comparações. Trecho bastante semelhante ao nosso, em que aparecem também as comparações com o sol e com a lua, é o do salmo também messiânico, 72 (na Vulgata 71): "Ó Deus, dá ao rei os seus julgamentos", que poderia ser estudado ao lado dêste nosso salmo.

Entre as interpretações alegóricas, podiam ser citadas a que considera o sol e a lua como Cristo e a Virgem Maria, ela que é "bela como a lua", e que participa, como rainha, do reinado eterno do trono de Daví no qual se assenta o seu Filho,o Rei da Aliança eterna. A Vulgata, acrescentando a palavra "perfecta" à palavra "luna", colaborava para esta interpretação, pois Nossa Senhora é a perfeita por excelência entre tôdas as criaturas humanas. Sto. Agostinho diz-nos que a luta representa a carne que cresce e decresce em sua instabilidade e que o salmista, portanto, introduz o problema muito grave da ressurreição da carne ao dizer que a lua se juntará ao sol, diante do Senhor, num testemunho eterno. Seria a carne subindo ao céu para, junto com o espírito, permanecer diante de Deus eternamente. (15)

Como se vê as interpretações alegóricas introduzem outros pro-

---

(13) Cf. Pannier, Les Psaumes, La Sainte Bible — Pirot — Clamer. op. cit. p. 489.

(14) Cf. Gen 9,8 — 17;38.

(15) Enarr. in Ps. 88, op. cit. p. 1237.

blemas que poderão encontrar ocasião para serem tratados mas que parecem ter escapado às intenções do Salmista. O seu assunto é antes e acima de tudo a perfeição da Aliança divino-humana entre Deus e a Casa de Daví, de cuja descendência, nascerá Aquêle que encarnará tôdas as profecias no que elas possam ter de mais ousado; Êle, a aliança viva e plena, porque a união subsistente de tôda a natureza divina e de tôda a natureza humana numa só pessoa.

Etan, o nosso salmista, coloca um *séláh* (pausa), depois do v. 38 dêste seu grande e magnífico salmo 88 que ocupa nossa atenção. Esta *pausa* que êle faz, indica uma mudança bastante acentuada de assunto. Êle passará ao plano ingrato das constatações históricas, bastante decepcionantes diante da grandeza da promessa e da realidade eterna.

A nós também de colocarmos aqui uma pausa à espera de uma outra ocasião que nos permita concluir as presentes considerações. Sto. Agostinho ao ter que interromper seus comentários sôbre êste salmo dizia: "O que resta, guardemos, se quiserdes, para outra vez, pois o salmo é longo. Recuperai, entretanto vossas fôrças, não as do espírito, pois vejo que no espírito sois infatigáveis, mas as dos servos do espírito, os vossos corpos, para que permaneçam firmes em seu serviço. Refeitos, tornai ao alimento, voltados para Deus". (16) Mais que para os ouvintes de Agostinho, faz-se aqui, necessária esta providência para quem nos acompanhou através dessas páginas.

(16) Ib. p. 1232s.

A REDAÇÃO pede desculpas aos leitores pelo atrazo do presente número da "Revista Gregoriana". Dificuldades imprevistas foram a causa.

LIVROS EM REVISTA

Gustavo Corção, "CLARO ESCURO", *AGIR*, 1958.

Com o subtítulo de "Ensaios sôbre o Casamento, Divórcio, Amor, Sexo e outros assuntos" procura-se explicar a matéria do livro, pouco definida, ao menos à primeira vista, pelo título "Claro Escuro", De fato, êsse título exprime a posição fundamental de quem se aventura pelo estudo das instituições que decorrem fundamentalmente da situação concreta e histórica em que se encontra o homem. "Claro Escuro" define o ambiente geral em que se desenvolve êste livro de ensaios, ambiente de essencial e metafísico otimismo, travado, momento por momento, pelo pessimismo de quem experimenta dia por dia a realidade das essências em sua encarnação na história, no mundo das contingências. Claro-escuro será sempre o ambiente de tôda filosofia prática do homem, como é, com ressonâncias muito mais profundas, o quadro da filosofia cristã, no sentido de uma visão teológica e sobrenatural do homem e do seu mundo. A diferença está em que, aqui a antinomia levará necessàriamente a uma solução: à noite escura levará à definitiva iluminação, a morte à vida, "et nox sicut dies illuminabitur".

Gustavo Corção conquistou seus leitores com essa crônicas sôbre o divórcio que ora aparecem em livro. Presidindo a um debate, no norte do país, sôbre casamento, enquanto esperava que um causídico local terminasse sua arenga a favor do divórcio, contando um daquêles característicos dramalhões de casal infeliz para o qual a única solução é o divórcio, alguém com incontida impaciência, me soprava insistentemente: "lança o argumento do Corção, que isso é solução individualista, burgueza do século XIX, que para "salvar" egoìsticamente um, entêrra cem". Em outra ocasião vi um entusiástico bom marido entrando triunfante em casa com o artigo "A Casa e a Rua" — capítulo 13 do livro que a seu ver corroborava seus tímidos conselhos à boa esposa que fazia um pouco de compras demais na cidade, ou estava sempre a visitar os pais. Realmente apresentados. Não quero com isso dizer que Corção facilita ou é apenas interessante, não, êle faz com que o problema teórico e difícil seja tocado com o dedo, nos fatos da vida de cada dia, que estão diante dos olhos de todos. Faz com que grandes problemas sociais sejam percebidos em suas causas e conseqüências mais sensíveis como, por exemplo, quando alude à situação da empregada no ambiente da casa de família, ou à mentalidade do enpreguismo, do egoismo das "boas famílias" etc.

"Claro Escuro" trata em síntese, do problema do divórcio encarado independentemente do aspecto religioso do casamento. Para os

católicos, o divórcio não interessa como problema, e é a luz de uma filosofia que joga com os dados fornecidos pela própria natureza do homem, da família, da sociedade, que se chega a uma conclusão pela indissolubilidade do casamento. O problema é o do casamento e sem um entendimento sôbre o que seja o casamento é impossível o curso de idéias na matéria. Por isso o autor se estende sôbre a natureza e fim do casamento, premissas que encaminham decididamente a solução.

E' no campo das premissas, no dar preeminência à finalidade social ou individual do casamento que as águas se dividem inexoràvelmente.

Êsse ponto decisivo se resolve em geral menos pela fôrça de argumentos que pelo conjunto de elementos que conforme a mentalidade de um homem diante do mundo que o cerca. Por isso a missão do opologista é ingrata e o mais das vêzes estéril Gustavo Corção vence a dificuldade porque coloca seu leitor em todo um quadro de vida que pelos exemplos gritantes e cotidianos o levam a um desejo do "bonum honestem" de um bem comum familiar com o qual é incompatível o divórcio. Êsses artigos que se lêem de um trago, agora sob a forma de livro, serão relidos e meditados como o merecem.

D.J.E.

Marcelle Auclair, "CLARO CAMINHO", trad. de Rose Marie G. Muraro, Coleção "Juventude" AGIR, 1958.

Marcelle Auclair, a conhecida biografa de Santa Tereza e de Bernadette, apresenta-se, nesta publicação da Agir, com a mesma leveza e encanto já conhecidos, num livro que trata de tudo e que é uma espécie de aglomerado de dados biográficos, de figuras desconhecidas ou inventadas nas quais todo mundo pode encontrar algo de si mesmo. É um livro original, pelo que se vê, pretendendo sugerir um sentido otimista e positivo à vida de todos os homens. De modo um pouco simplista procura inculcar que tudo toma um bom caminho e acaba dando certo quanto procuramos ver o lado bom das coisas e quando nos entregamos — naquilo que afinal não dependo diretamente de nós — com muita confiança, à fôrça interior que nos guia e que também guia os acontecimentos que nos circundam.

O livro quer de propósito — ficar num campo que não implique necessária e decisivamente uma concepção teológica de existência. Com isso arrisca de diminuir grandes realidades que governam realmente o mundo e a vida dos homens como sejam a Providência Divina. As virtudes teologais da fé, caridade e da esperança que realmente só ela pode dar um colorido de confiança alegria à vida huma-

na; as virtudes morais, principalmente a virtude de prudência e os dons do Espírito Santo, velas de nossa barca que, quando menos se espera, afastam-na das tempestades e levam-na a uma direção feliz pelo sôpro de um vento inesperado; isso sem falar nas imponderáveis intervenções dos anjos que vigiam dia e noite.

Deixando de dizer tudo isso pelos seus nomes, o livro procura atingir e fazer bem a um número mais amplo de leitores, arrisca-se, porém, a ficar no campo roseo e às vêzes inverossimil de um "tout va très bien" nem sempre de muito bom gôsto.

A leitura agradável e pode de fato fazer bem a muita gente boa, enquanto a escritora sabe dizer muito bem e com uma inteligente experiência da vida umas boas verdades a avós, pais e filhos desta nosso sociedade burgueza em liquidação em que, junto com uma necessidade sempre maior de confôrto, cada vez faltam mais as normas elementares da sabedoria prática do bem viver, pela simples razão de presupor a mesma um mínimo de submissão do eu individual às exigências do bem comum, a começar pelo quadro mais imediato da vida social: a família. E' principalmente neste ambiente que se movimenta a autora que, sem pretender uma solução mais profunda do problema da felicidade, focaliza bem apanhados flagrantes da situação. A tradução não nos força a interromper a leitura, como às vêzes acontece em outros livros, pelo que deve ser reputada boa.

D.J.E.

Correspondência: Revista Gregoriana (Livros em Revista) C.P 2666 — Rio de Janeiro.

REABREM-SE AS AULAS
do
"INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO"
a 15 de Março de 1959
Matrículas a partir de 1 de Fevereiro
RUA REAL GRANDEZA, 108 — Botafogo — Tel.: 26-1822

EDIÇÕES

do

"INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO"

sob o título

COLEÇÃO PIO X

I — **Missa IX**, explicações técnicas — por **Ir. M. Rose Porto, o. p.** — 12 págs. 10,00

II — **Princípios rítmicos da Escola de Solesmes** — por **Dom Mocquereau, m.b.** — (trad. de Ir. M. Rose, o. p.) — 25 págs. 15,00

III — **Aulas de Música gregoriana** — por **A. Le Guennant**, Diretor do Instituto Gregoriano de Paris (trad. e adaptação por Ir. M. Rose, o. p.) — 58 págs. 20,00

IV — **"Cantarei com o espírito, cantarei com a inteligência"** — por **Dom Estevão Bettencourt, O.S.B.** — 205 págs. 60,00

V — **Canto Gregoriano** — 1.º livro, teórico e prático — por **Irmã M. Rose Porto, o. p.** (2.ª edição) — 240 págs. — Agir. 150,00

VI — **Revista Gregoriana** — Órgão do "Instituto Pio X do R. de Janeiro" — Assinatura: 100,00 (6 n.ºs de 47 a 60 págs. cada) — avulso, 20,00.

VII — **Sagrada Escritura, manual de oração** — por **D. Estevão Bettencourt, O.S.B** — A unidade: 2,00 — O cento 140,00

VIII — **Sagrada Escritura no Rosário**, por **D. Estevão Bettencourt, O.S.B.** — A unidade: 1,50 — O cento 100,00

IX — Disco "long-play" — 22 peças da Semana Santa gravado pelo I.P.X. — Regência de D. João Ev. Enout O.S.B. 350,00

RUA REAL GRANDEZA, 108-Botafogo

"INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO"

TEL.: 26-1822

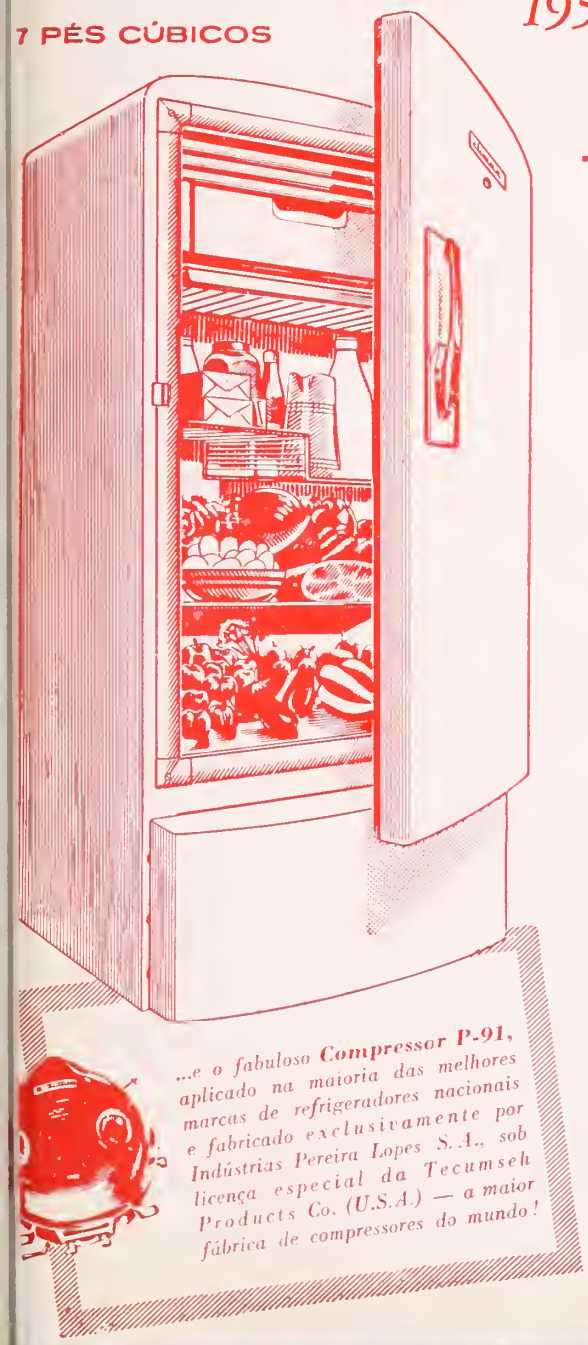
Inteiramente novo

climax

medalha de ouro

1958

7 PÉS CÚBICOS



— mais confôrto e qualidade ao alcance de todos!

Oferecendo as mesmas vantagens dos melhores refrigeradores - pelo menor preço - o Climax "Medalha de Ouro" 1958 põe os benefícios da refrigeração doméstica ao alcance imediato de tôdas as famílias brasileiras!

- **TRINCO** cromado, macio e seguro
- **PINTURA** fosfatizada (externamente) e porcelanizada (internamente)
- **CONGELADOR HORIZONTAL** com gavetas para cubos de gêlo
- **LUZ INTERNA** automática assegurando perfeita visibilidade
- **NOVO TERMOSTATO** com 7 graduações de frio
- **BANDEJA** plástica, para descongêlo
- **LÃ DE VIDRO** nas paredes e porta: isolamento térmico 100% eficiente

...e o fabuloso **Compressor P-91,** *aplicado na maioria das melhores marcas de refrigeradores nacionais e fabricado exclusivamente por Indústrias Pereira Lopes S.A., sob licença especial da Tecumseh Products Co. (U.S.A.) — a maior fábrica de compressores do mundo!*

Cr$ 22.990,

PÔSTO SÃO PAULO

Distribuidores:

Isnard & Cia. S.A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Av. São João, 1.400 - Fone: 52-6186

São Paulo

9612TA LBC 63
05-13-04 321B0 XL

For use in Library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9213

For use in Library only